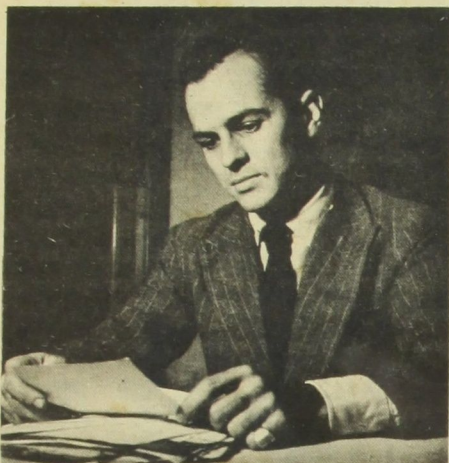


DUAS PÁGINAS DE

Rubem Braga

COM DESENHOS DE ANAHORY

GENTE DA CIDADE



Jacinto de Thormes mundanismo

Seu nome civil é Manuel com u, Bernadez com z e Müller com trema, nascido em 1923, na avenida Atlântica. O z do Bernadez vem de sua mãe, Negra Bernadez, filha do antigo embaixador do Uruguai no Brasil, Manuel Bernardez, e o trema de Müller vem de seu pai, Lauro Müller Filho, diplomata, filho do chanceler brasileiro, e pai também de um diplomata, Lauro Müller Neto, irmão de nosso Maneco. Hoje a senhora Negra Bernadez é a marquesa Longo di Vinchieturro; seu marido é um general italiano que durante a guerra comandou as ilhas do Dodecaneso, recebendo altas condecorações italianas e alemãs, e ficou fiel ao Rei, passando a lutar ao lado dos aliados, que também o condecoraram. Hoje o casal vive em Lima, onde Maneco passou agora mesmo dez dias.

Com poucos meses de idade, foi para a Itália e só voltou em 1930, tendo passado os primeiros anos em vários países, onde seu avô materno era embaixador. Os pais haviam se separado na Europa, quando Maneco voltou com seu irmão. A governanta inglesa gostava de vê-los vestidos de knickerbocker, mas as calças de golfe e as boinas suscitaram uma vaia na escola pública onde foram matriculados. Maneco vai depois para o Jardim de Infância do Colégio Zacarias, aprende a jogar futebol, se apaixona pelo esporte, faz admissão ao Salesiano de Santa Rosa, onde joga no 1.º time da 2.ª divisão e cai em cima de um caco de telha que lhe atravessa o joelho: quase perde a perna, e perde o ano. Depois é o internato do Pedro II, depois o Colégio Ottati, onde é mau aluno mas prestigioso presidente do Grêmio Esportivo e Literário. Centro médio, capitão e técnico do time do Ottati, campeão colegial carioca — um momento de glória. Depois faz sua Linha de Tiro, mora em pensões baratas com mesa de curta, acha-se triste, anda sozinho pelas ruas noturnas, ronda a Lapa, lê muitos livros de poesia que o irmão lhe manda. Aos 19 anos, quando pensava em se transformar em um grande jogador de futebol e talvez também em um poeta, uma apendicite, uma peritonite, quatro anos de leito e sofrimentos, médicos desengando o rapaz, quatro operações delicadíssimas, barriga aberta anos a fio, quase trinta injeções por dia, peso 33 quilos, vagas esperanças de salvar a vida, mas ficando aleijado. A mocidade faz seu milagre: recupera-se e, com uma terrível força de vontade, resolve fazer tudo o que fazia antes, retoma os esportes (até hoje é goleiro de mérito e grande coragem, conforme pode atestar este cronista que antes de se aposentar como meia-direito jogou contra ele) e experimenta uma certa alegria de viver.

Um amigo, Gustavo Dória, o que hoje é crítico teatral de "O Globo", leva-o a trabalhar, como interessado, na "Casa Quincas", que vende artigos de luxo para homens. Um dia, Prudente de Moraes Neto, que secretariava a "Folha Carioca", pede a Dória que lhe indique um cronista social: Dória indica o Maneco.

A POESIA É NECESSÁRIA

UM POEMA DE JOSÉ ESCOBAR FARIA

*A tarde está morrendo...
E nada eu percebia.
A tarde está morrendo...
O pássaro me dizia.*

*Olhei o céu,
Era baixo e triste.
E o pássaro continuava
Em seu canto, sua porfia.*

*A tarde está morrendo...
E nada, nada eu via.
Chegou-me de repente o espanto
Como um sonho que eu perdia.*

*O céu e aquele canto,
Se bem que tarde, muito tarde,
Agora eu percebia...*

Este é o poema que tem o número 12, do livro "Poemas e Elegias" da Livraria Martins Editora, São Paulo 1953.



CÂNTICO DOS CÂNTICOS PARA FLAUTA

E VIOLÃO (FRAGMENTO)

OSWALD DE ANDRADE

*Toma conta do céu
Toma conta da terra
Toma conta do mar
Toma conta de mim
Maria Antonieta d'Alkmin*

*E se ele vier
Defenderei
E se ela vier
Defenderei
E se eles vierem
Defenderei
E se elas vierem tôdas
Numa guirlanda de flechas
Defenderei
Defenderei
Defenderei*

arranja-lhe o pseudônimo (o rapaz nunca lêra Eça de Queiroz) e escreve sua primeira crônica. Assim nasce Jacinto de Thormes; depois há uma crise na direção da "Folha", Prudentinho se retira para não ficar ao lado de Getúlio, Maneco e mais 23 redatores o acompanham. No dia seguinte, uma boa surpresa para o rapaz desempregado: convite para trabalhar na "Som-bra" e no "Diário Carioca".

É no "Diário Carioca" que ele se faz, e inaugura um estilo novo de crônica mundana, introduzindo-lhe com discrição um pouco da indiscrição dos "columnists" americanos; lê muito, aprende a escrever, cria birras mil com seu cachimbo, sua elegância e seus pequenos golpes de estilo, como até hoje com seus pijamas de listras grandes e pequenas e sua geladeira às vezes enfiada. Sua "guigne" ainda se manifesta em um desastre de automóvel em que é lançado no ar e dá

*Cais de minha vida
Partida sete vêzes
Cais de minha vida quebrada
Nas prisões
Suada das ruas
Modelada
Na aurora indecisa dos hospitais*

Bonanzosa bonança

O fenômeno Oswald de Andrade iniciou-se em 1890; em 1950, quando fez 60 anos, declarou-se um sex-appeal-gênio. No intervalo inventou o Pau Brasil, com seu famoso manifesto, foi advogado, jornalista e fazendeiro, fez a Antropofagia, escreveu "Serafim Ponte Grande" e a fórmula de uma batida, peças de teatro (as duas primeiras em francês), "Os Condenados", que têm muita coisa auto-biográfica, a Semana da Arte Moderna, várias conspirações; construiu uma igreja em sua fase mística (azul) e teve 13 prisões e várias fugas em sua fase mística vermelha. Resumi parte de sua biografia assim: "viajei, fiquei pobre, fiquei rico, casei, enviei, casei, divorciei, viajei, casei..." Hoje é casado "em últimas núpcias" com a musa desse "cântico dos cânticos". Sempre foi um grande animador e um grande desagregador, e suas inumeráveis e ferozes molecagens não deixam muita gente perceber o que há de belo e grande em sua obra.

com a cara diretamente em um poste, caindo desacordado; mas também a cara ele recupera depois de delicada operação.

Casa-se, com moça bonita e inteligente, de quem se separará anos mais tarde (depois da separação colocou-a na lista das dez mulheres mais elegantes do Brasil), está em tôdas as "boites" e em tôdas as festas grã-finas, viaja, arranja imitadores, escreve alguns contos, de indiscutível interesse literário com seu próprio nome e dá ao seu cão o nome de Shakespeare.

Há muita gente que se irrita demais lendo Jacinto de Thormes, e entretanto não deixa de lê-lo; sua sofisticação profissional não o impede de ser no convívio humano um rapaz simples, discreto e leal e, em algumas brigas, já provou que é capaz de dar o melhor sócio possível para seu físico.

R. B.